

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

CARLA SAMANTA FERREIRA CHAGAS

**ANÁLISE PSICOLÓGICA DO PERSONAGEM JOSÉ DO EGITO A LUZ DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**SÃO PAULO/ SP
2019**

CARLA SAMANTA FERREIRA CHAGAS

**ANÁLISE PSICOLÓGICA DO PERSONAGEM JOSÉ DO EGITO A LUZ DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho realizado na Disciplina de Trabalho de conclusão de curso I (TCCII) como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof. Maria Cecília de Moura
Parecerista: Marisa Vicente Catta Preta

SÃO PAULO/SP

2019

“Que eu faça um mendigo sentar-se à minha mesa, que eu perdoe aquele que me ofende e me esforce por amar, inclusive o meu inimigo, em nome de Cristo, tudo isto, naturalmente, não deixa de ser uma grande virtude. O que faço ao menor dos meus irmãos é ao próprio Cristo que faço. Mas o que acontecerá, se descobro, porventura, que o menor, o mais miserável de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais insolente dos meus caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola da minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar?”

— Carl Gustav Jung

AGRADECIMENTO

Não acredito, que enfim cheguei nesta etapa tão sonhada de minha vida, escrever os agradecimentos que vão muito, mas além do que apenas ser pela produção deste trabalho de conclusão do curso. Chega parece bobo, mas para mim é tão incrível como poder escrever este trabalho...

Com isso, gostaria de iniciar meus agradecimentos, primeiramente a Deus, pois acredito muito que meu ingresso nesta faculdade é um grande testemunho que tenho em minha vida de fé - me refiro a questão de ter conseguido uma bolsa 100% ter sido um grande milagre, já que na fila de espera em que eu estava era uma das últimas a poder ser contemplada, além de todo suprimento e oportunidade que creio foi Deus que me proporcionou durante todo esse ciclo que hoje esta preste a se encerrar.

Agradeço também a minha família (Pai Carlos e Mãe Cecilia) que me apoiaram e estiveram comigo a todos os momentos seja em relação as questões da faculdade em si como no âmbito, mas pessoal, pois a todo momento me apoiaram me ajudando com minha filha (pequena) e me incentivando a não desistir.

Agradeço minha filha Sophye Charlott pela paciência, pelo amor, apoio e preocupação que tinha comigo mesmo sendo tão pequena.

As minhas irmãs (Amanda e Mariana) por me apoiarem, acreditarem em mim e terem me ouvido todas as vezes que queria compartilhar algo novo sobre a faculdade.

A minha Tia Val que me apoiou, ajudou e acompanhou cada passo do meu desenvolvimento e que tenho como uma segunda mãe.

Aos meus pastores (Pastor Denis e Pastora Camila) por cada oração, conselho e direcionamento que me deram nestes 5anos.

Aos meus amigos (as)/ irmãos da igreja que me incentivaram, oraram e sempre profetizaram acreditando que chegaria até aqui.

Aos amigos (as) que a universidade me proporcionou, que me acompanharam durante toda essa trajetória deixando a mas leve e prazerosa.

A cada professor (a) / orientadora / parecerista, que com sabedoria e paciência me acolheu, compartilhou seus ensinamentos e conhecimentos, me dando

oportunidade de ser eu mesma e crescer naquilo que acredito e valorizo no âmbito profissional e pessoal.

E por fim a todos que diretamente e indiretamente me ajudaram e fizeram parte da minha formação.

Afinal, sem vocês acredito que não teria chegado até aqui, pelo menos não como cheguei o que hoje olhando para trás fez e faz toda diferença.

Por isso, se pudesse finalizar com uma palavra seria GRATIDÃO.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo entender o perfil psicológico do Personagem José do Egito e sua trajetória segundo os conceitos da Psicologia Analítica. Relacionou-se os conceitos/ arquétipos com sua história de vida relatada na bíblia em que o velho testamento foi objeto de estudo. Esta pesquisa não é de cunho religioso, mas sim documental e de viés psicológico e pode ser definida como sendo aquela que busca novas interpretações ou mesmo complementa interpretações anteriores de documentos. Estes representam uma rica fonte de dados que tem como foco dar luz para qual seria o perfil psicológico do personagem de acordo com desenvolvimento de sua história. A apresentação dos dados foi feita a partir de uma breve contextualização sobre a visão de Jung para a religião, bíblia e estudos feitos com o foco na psicologia analítica sobre outros personagens, como: Moisés e Arão, Jó e Jacó pai do personagem escolhido. O procedimento de coleta foi a própria história do personagem, com intuito de se ter uma visão mais ampla de sua trajetória e de se entender de que perspectiva se fala para assim apontar momentos relevantes e que “conversem” com a teoria que teve como base o trabalho de Jung. Neste sentido o resultado obtido no trabalho ajudou a entender como os conceitos/ arquétipos (sombra, persona, sonhos e seus símbolos morte em vida e por fim desenvolvimento do seu processo de individuação) trazidos por Jung em sua teoria se manifestam-na vida do personagem.

Palavras-Chaves: Bíblia, Psicologia-analítica, Jung, Religião, José do Egito.

CHAGAS, Ferreira Samanta Carla. **ANÁLISE PSICOLOGICA DO PERSONAGEM JOSÉ DO EGITO A LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**. TCC. PUC/ SP, p. 1 – 48. 2019.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Religião e Jung.....	8
1.2. Bíblia.....	11
2. OBJETIVO.....	12
3. MÉTODO.....	12
4. BREVE REFLEXÃO SOBRE TRABALHOS JÁ PUBLICADOS.	13
5. RESULTADOS	16
6. ANÁLISE	23
6.1. Processo de individuação.....	24
6.2. Sonho.....	27
6.3. Sombra individual / coletiva.....	32
6.4. Morte em vida.....	37
6.5. Persona.....	38
6.6. Si-MESMO.....	40
7. CONCLUSÃO	43
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA	45

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa fazer uma análise psicológica de um personagem da bíblia que teve destaque e influência na vida de outros personagens do velho testamento, qual seja: José do Egito. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico sobre os trabalhos já existentes na área da Psicologia, e notou-se que não existem muitos, principalmente no foco que está sendo pensado estudar nesta pesquisa, o que suscitou uma curiosidade a mais, sobre as possibilidades de explorar este campo até então restrito. Nos poucos achados, uma coisa que chamou atenção foi os campos que estudam este tema, notadamente a Psicologia Analítica e Fenomenologia.

Com isso em mente, a abordagem teórica em que será embasado este trabalho será a psicologia analítica, a partir da visão de Carl Jung, visando levar o *setting* clínico para dentro da bíblia e explorar o possível perfil psicológico: que esse personagem poderia ter desenvolvido em durante sua história a partir dos conceitos/arquétipos de Jung.

No entanto, antes de dar voz a este estudo, é importante pontuar que este trabalho não tem foco na religiosidade do pesquisador. Considerando que a pesquisa terá como objeto de estudo a Bíblia, partindo de uma reflexão da psicologia junguiana, que fornece instrumentos para entender e lidar com as implicações dadas neste contexto. Posto isto, parece relevante, antes de começar a falar mais claramente o foco e objetivo do estudo, contextualizar qual a visão de Carl Gustav Jung sobre a religião e a bíblia. Para isso, foram lidos artigos que esclarecem a visão de Jung sobre religião e qual seu principal interesse neste tema, que foi abordado em suas diversas obras.

1.1. Religião e Jung

Durante toda sua vida Jung teve contato com a religião, também pelo fato de ter nascido em uma família protestante, em que seu pai era pastor e sua mãe praticante, porém, nunca se envolveu diretamente, apesar deste tema provocar muita curiosidade, a ponto de torná-lo um estudioso sobre os fenômenos e práticas religiosas pela perspectiva da Psicologia, destacando a influência do inconsciente e a presença dos arquétipos nos símbolos religiosos.

A partir do estudo feito por Portela (2013) na obra de Jung *Psicologia e Religião*, [...] compreende-se que o conceito de religião no início das obras junguianas está ligado às raízes antigas do paganismo que se vincula à prática dos ritos, exigindo uma postura de escuta, observação e submissão por parte do ser humano ao desejo ou à vontade dos deuses, em que o termo usado por Jung é o *relegere*, que advém da palavra *religio* e não do termo *religare* (se referir ao mesmo sentido do termo *relegere* cunhado por Cícero na obra *De Natura Deorum* (A Natureza de Deus), e significa considerar ou observar cuidadosamente. Tal perspectiva permite uma leitura mais ampla para a religião, sem tomar partido de um contexto necessariamente cristão, além de possibilitar a vinculação com a teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo.

um equilíbrio entre o eu e o não-eu psíquico, uma religio, ou seja, um levar em conta escrupulosamente a presença das forças inconscientes, que não podemos negligenciar sem correr perigo. Portela (2013, p. 53, JUNG, OC. v. XVI/2, p. 80, § 395-396)

Com isso podemos ver que Jung utiliza do termo religião como noção de um ser humano que possui um a priori religioso, chegando até relatar em sua obra *Psicologia e Religião*, que não toma ponto de partida de nenhum credo religioso, mas sim da psicologia do *homo religiosus*, do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatos que agem sobre ele e sobre seu estado geral. (JUNG, OC. v. XI/1, p. 22, § 11)

Nisso algo, importante a se destacar é que entre os termos dado a religião Jung não utiliza o *religare*, pois este se remete a ligação entre homem e Deus, e por este motivo e por conta do conceito de individuação que traz em seus estudos descreve este processo como um desenvolvimento psicológico que possui, como paradigma, a necessidade do complexo do eu em restabelecer a conexão com a totalidade psíquica, o Si-mesmo como arquétipo da totalidade.

Partido disso, entende-se o termo religião trazido em suas obras como uma função inerente à psique, numa perspectiva inata de proteção contra o inconsciente, destacando os rituais como medidas para afastar esses perigos, como um instinto.

Esse instinto está ligado aos seus arquétipos e principalmente ao arquétipo “Si-mesmo”, que se refere a Deus, que pode ser entendido como o centro ordenador e unificador da psique total (consciente e inconsciente), que mantém o ego que é o centro da personalidade consciente submetido ao seu domínio. Podendo assim entender que “Si- mesmo”: como um grande outro organizador da psique, relatado por Jung em algumas de suas obras como “Homem criativo”, “Psicologia e religião”, se trata de uma ideia com muito valor psicológico existente dentro de cada um de nós, pois fala da imagem psíquica da totalidade transcendente que foi incorporada pelo ser humano. (HORLLE, SILVA, 2007)

Posto isto se vê que o que Jung faz em suas obras é uma ponte para a psicologia da religião não descartando a existência de algo transcendente (maior), mas restringindo-se a reconhecer os limites de uma afirmação pautada na psicologia (ciência), pois mesmo sendo assuntos que se cruzam eles se divergem e seguem caminhos diferentes em vários aspectos. Pontuando que o interessa na religião é a sua manifestação psicológica, enquanto experiência psíquica e sua característica simbólica, característica da psique. “Qualquer que seja a natureza da religião, não resta a menor dúvida de que seu aspecto psíquico, empiricamente constatável, reside nessas manifestações do inconsciente” (JUNG, OC. V XII, p 41, § 35).

Além das manifestações inconscientes, Jung faz uma consideração sobre a questão dos sonhos e pontua que “se o resultado da investigação favorece a hipótese do inconsciente, os sonhos deverão ser tidos como possíveis fontes de informações das tendências religiosas do inconsciente”. O que pode ser definida como uma função da psique.

Sendo assim do ponto de vista psicológico, a religião é um fenômeno psíquico que existe de modo inconsciente, assim como o fato de nossa fisiologia ou anatomia. Se faltar esta função, a pessoa, como indivíduo, estará sem equilíbrio, pois a experiência religiosa é expressão da existência e funcionamento do inconsciente, que destaca o material do inconsciente é experimentado como processo religioso (PORTELA, 2013)

Um símbolo que faz parte e que falta do homem inteiro, o colocando em relação com nossa totalidade original e curando nossa divisão, nossa alienação da vida. Com isso pode-se enxergar que a vivência religiosa implica

em uma atitude do indivíduo de abertura ao inconsciente e seu mundo simbólico. Em o Homem e seus Símbolos, fornece uma compreensão [...] “teórica e prática do ser humano a partir do fato central da própria humanidade, a saber, a auto expressão por meio da atividade simbólica da psique”, o sofrimento da alma como uma falta de vivência religiosa. (BARRETO, 2006, p. 75)

1.2. Bíblia

A bíblia é um livro diferenciado, primeiro por se tratar de um livro universal, com várias traduções e que existe a quase 1600 anos. Que contém uma grande riqueza em sua obra literária cheia de complexidade e intensidade de tramas e personagens em uma narração detalhista. As grandes histórias bíblicas, são narradas de forma curta, ao mesmo tempo se destacam pelas suas complexidade e intensidade.

Apesar de uma linguagem muitas vezes diferenciada por conta do tempo em que foi escrito, carrega uma riqueza na diversidade de linguagem que entrelaça todos os 66 livros nela contido, alternando entre a linguagem, poética, o uso alegórico e o descritivo, além do proclamativo, o que caracterizaria a intensidade das tramas e personagens, que tem como objetivo incluir o leitor nos temas, nas opções das personagens, em seus dilemas éticos. Com isso se vê que a bíblia é um livro caracterizado por um grande apelo a que o leitor crie a sua própria história a partir da história contada. (MAGALHÃES, 2012)

Como já foi dito a bíblia contém 66 livros que são divididos entre o Velho e Novo Testamento, que marcam a passagem de um povo que antes vivia num tempo de justiça (velho testamento), marcado pela criação do mundo, a ruptura entre o homem e Deus no jardim do Éden, as histórias dos heróis da Fé, o cativoiros, o silêncio de Deus para com seu povo, o levante de muitos reis que fizeram a diferença na geração de um povo; já em relação ao novo testamento, onde o povo passa a viver no tempo da Graça, marcado pelo nascimento do Salvador (Jesus Cristo), a escolha dos discípulos, restauração de um ministério, a quebra da velha e a restauração de uma nova aliança através do sangue de Cristo, ressurreição, milagres e ensinamentos, etc.

Tendo isto como base, vale dizer que tanto a pesquisa, como os diversos artigos levantados para este trabalho, tem como foco o Velho

Testamento, que além dos pontos trazidos acima, documenta um diálogo contínuo entre Deus e o homem, tal como se expressa na história sagrada, além de relatar uma época em que Deus só se comunicava com seu povo através de alguns homens: profetas, reis, sacerdote e juízes; mostra também uma sequência significativa que..

ênfata um processo de desenvolvimento linear compatível com a qualidade histórica da psique ocidental, equilibrado que se constitui em três blocos de livros os históricos, os sapienciais e poéticos, os proféticos. Na visão de psicólogo junguiano, a Bíblia é como um compêndio de encontros com o numinoso, encontro este compreendidos “como representações do encontro entre o ego e Si-mesmo, que é o aspecto mais importante da individuação (EDINGER, 1990, p. 32-33).

Posto isto, esta pesquisa terá como base a Bíblia Almeida Revista Atualizada-ARA (2009), para utilização do texto bíblico, Gênesis 37, além das obras de Jung e as obras do psicólogo junguiano Edward F. Edinger, sendo elas: Bíblia e Psique, simbolismo da individuação no Antigo Testamento (1990); Ego e Arquétipo, uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung (1989) e A Criação da Consciência, o mito de Jung para o homem moderno (1996), entre outros.

2. OBJETIVO

Geral: Fazer uma análise do Personagem José do Egito e sua trajetória segundo os conceitos/arquétipos da Psicologia Analítica de JUNG

Específicos:

A) Traçar trajetória de José do Egito e seu processo de individuação a partir dos conceitos e arquétipos de Jung.

3. MÉTODO

O delineamento metodológico caracteriza-se como documental numa perspectiva metodológica qualitativa, que terá como base a Psicologia Analítica-Jung e seus conceitos, que permite compreender a subjetividade do personagem, como também traçar o perfil psíquico de acordo com sua história de vida.

Uma pesquisa documental pode ser definida como sendo aquela que busca novas interpretações ou mesmo complementa interpretações anteriores de documentos, os quais representam uma rica fonte de dados. Segundo Bailey (1982) os documentos podem ser considerados uma fonte natural de informações uma vez que, foram produzidos em um determinado contexto histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse contexto. A presente pesquisa se caracteriza como documental, uma vez que a coleta de dados se restringiu a Bíblia Sagrada, versão linguagem atual (LAT). Ademais, a pesquisa é considerada qualitativa pelo fato de se referir a história de vida do personagem José do Egito em toda sua trajetória contada na bíblia, evidenciando os arquétipos que o influenciaram o que não pode ser medido de forma quantitativa.

Para isso, foi iniciado uma busca pelas referências bibliográficas que tinham como foco análise psicológica de outros personagens bíblicos, dentro da abordagem escolhida: Psicologia Analítica; a visão de Jung sobre o tema religião e uma visão mais científica sobre o que seria a bíblia que será o objeto de estudo e setting clínico.

Sendo assim a partir disso a coleta de dados se dará da seguinte forma: leitura da história do personagem escolhido e a montagem do perfil, de acordo com os arquétipos que serão apresentados que pontuam as mudanças, que ocorreram ao longo de história, como o Processo de Individuação. A apresentação dos dados será feita a partir do resumo e a história geral do personagem, apontando momentos relevantes na discussão do objetivo do trabalho.

4. BREVE REFLEXÃO SOBRE TRABALHOS JÁ PUBLICADOS.

Após uma breve descrição acima sobre a visão de Jung sobre a religião e o que seria a bíblia objeto de estudo e setting clínico escolhido, veremos a seguir alguns artigos lidos, que contém uma sequência da visão sobre os fenômenos descrito na bíblia em diferentes personagens, e que também serão conceitos e fenômeno que tentaram ser identificados no personagem escolhido: José do Egito

A partir do artigo feito por Silva, (2007), “Reflexões sobre o processo de individualização de Jó”, vemos que ele destaca pontos importante sobre o livro de Jó, a partir da visão que tem deste livro baseado no livro de Jung “Resposta á Jó”, trazendo assim sua história como “uma imagem arquetípica que retrata um certo tipo de embate entre o ego e o Self.” (apud Edinger, 1991, p.13).

Assim como elementos principais da sua obra o ego individual, Si-mesmo (Self) que é a personalidade Maior de Deus, apresentação de Jó como sendo o primeiro homem indivíduo que teve encontro pessoal com Deus, diferente do que se vê antes deste livro na bíblia onde o contato se dada de forma coletiva, marcando assim a transição da psicologia coletiva para a psicologia individual, já que a história de Jó é uma descrição de uma experiência individual, em que o ego experimenta seu primeiro encontro consciente com Si-mesmo (Deus), além de “submeter o mito básico da psique ocidental a um intenso exame consciente. Ele aceita as imagens como realidade psíquica e segue as implicações delas até o fim, até chegar a suas conclusões” Silva (2007, p. 66 apud Edinger, 1996, p. 61).

Diferente do artigo citado acima o “Caracterização da personagem Moisés através da análise dos diálogos da narrativa de êxodo 5,1-6,1”, não tem o foco na psicologia analítica, pois traz uma visão embasada na hermenêutica e exegese. A partir disso o autor Santos (2014), faz uma análise de todos os personagens envolvidos na história, como: Moisés, Arão, Faraó (vilão), Ancião, por base dos fatos narrados, na bíblia, sendo assim a partir do livro de Êxodo (Ex) e das tentativas de configurações biográficas a respeito dos personagens presentes da narrativa, nota-se algumas harmonias e incongruências quando comparado os episódios narrados em Ex 5, 1-6,1, apesar de se ver durante o texto, vários pontos em comuns no texto, afirmando assim a concordância com

os textos em sua forma final e com alguns dados sociológicos provenientes da egiptologia.

No entanto algo interessante e que faz pensar em uma articulação com a obra de Jung indiretamente são pontos que é trazido no artigo a partir da visão de Robert Alter que demonstra como os diálogos presentes na narrativa bíblica apresentam informações psicológicas a respeito dos personagens. Onde traz expressões dos personagens em discurso direto, como elementos psicológicos, que podem referenciar algo a respeito de seu temperamento, com isso se vê que a valorização do discurso direto e a voz narrativa é utilizada para o mínimo indispensável para a compreensão da trama; além do uso das técnicas retóricas de persuasão de Moisés para convencer o faraó, e harmonizar toda a narrativa; a partir de pontos importantes como encontro de Moisés e Arão, os pedidos ao faraó entre outros, mencionando assim dois oponentes o herói e o vilão, além de enfatizar o uso de expressões para os personagens no lugar da voz do narrador que enriquece a narrativa permitindo ao leitor compor com o seu conhecimento de mundo, e sua imaginação o estado de ânimo e as características psicológicas dos personagens.

Já no artigo “Jacó, de trapaceiro a patriarca, caminhos da individuação”, vemos ser apresentado em diferentes capítulos alguma questão sobre sua vida e principalmente seu desenvolvimento pessoal com base em Jung, onde é levantado questões como a relação entre Deus e o conceito de “Si-mesmo”, e Jacó e o ego a partir da sua identificação com a mãe e a saída de casa, a inflação do ego que é descrita como “uma expansão da personalidade, além dos limites individuais ou, em outras palavras, uma presunção. Em tal estado, a pessoa ocupa um espaço que normalmente não pode preencher”. (JUNG, 1996, p. 227)

Nisso o autor traz que o sonho de Jacó que é analisado como uma jornada do herói fazendo assim relação com algumas operações alquímicas, marca também a volta de Jacó para casa de seus pais e a reconciliação com seu irmão Esaú e sua luta com Deus no vale do rio Jaboque que sinaliza seu desenvolvimento pessoal e é vinculada logo em seguida com sua mudança (atitude e postura de vida) e processo de individualização que influencia até na mudança de seu nome: agora ele não é mais Jacó, o

“enganador”, mas Israel, “aquele que luta com Deus”. (Holler & Silva, 2007, p. 40).

Posto isto, vale dizer que tanto as histórias anteriores como a história de Jacó, influencia e muito na vida do personagem escolhido José do Egito, pois vemos nele uma continuação do eterno ciclo da vida de Jacó e de outros personagens que vieram antes dele se repetir seja indiretamente como no caso de Moisés, Jó, e Jacó seu pai citados acima que o considera seu filho favorito, e nisso se vê este processo se repetir, sendo assim acredito que entenderemos melhor tanto o processo de individualização, como o ego e o Si-mesmo como outros conceitos na história de José a partir desta pesquisa que terá como foco traçar sua trajetória e até mesmo os efeitos desse ciclo em sua vida.

5. RESULTADOS

História de JOSÉ:

José nasceu em uma grande família, e já na velhice de seus pais, irmão caçula de onze irmãos, era visto, como fruto de um milagre, já que sua mãe Raquel era estéril. Também, entre todos era o filho mais amado já que era o primogênito de Raquel, a mulher preferida de Jacó seu pai. (Gn 37:3).

Ele o amava tanto que como demonstração de predileção o presenteou com uma túnica colorida, o que deixou claro aos irmãos o grande amor de seu pai, pelo jovem garoto, e com isso começaram a odiá-lo a ponto de não conseguirem falar amigavelmente. (Gn 37:4)

A partir deste ocorrido a relação entre os irmãos foi se agravando principalmente com os sonhos que José tinha e lhes contava. O primeiro sonho contado por José foi que, “estávamos atando molhos no campo; eis que o meu molho, levantando-se ficou em pé; e os vossos molhos o rodeavam, e se inclinavam ao meu molho” (Gn 37: 7 e 8). Isto provocou revolta dos irmãos pois como poderia os mais velhos se curvarem ao mais novo.

[...] Mas ainda aconteceu outro sonho: “Desta vez, o sol a lua e onze estrelas se curvaram perante mim. Sonho esse que teve repreensão de seu próprio pai que o indagou perguntando se ele e a sua mãe e seus irmãos viriam

se curvar a ele?” (Gn 37: 9 e 10). Isto provocou mais raiva em seus irmãos que logo tramaram um plano para pegá-lo.

Para isso aproveitaram a oportunidade que tiveram quando Jacó pediu para que José fosse encontrar seus irmãos no campo em Siquem, onde estavam apascentadas as ovelhas, no intuito que fosse e trouxesse resposta de como estavam. Seus irmãos conspiravam entre si, contra ele. “– Lá vem o sonhador! Venham, vamos matá-lo agora. Depois jogaremos o corpo num poço seco e diremos que um animal selvagem o devorou. Assim veremos no que vão dar os sonhos dele” (Gn 37: 19 e 20). E todos menos Rubens aceitaram matar o irmão, mas sugeriu que o jogassem no poço, para não terem em suas mãos sangue inocente, mas na verdade com o intuito de mais tarde voltar e ajudá-lo.

Os irmãos concordaram e nisso arrancaram sua túnica e o jogaram no poço sem água, porém, ao se assentarem para comer, os irmãos avistaram ao longe uma caravana de Ismaelitas, que vinha de Gileade e que trazia consigo muitas especiarias para o Egito. Vendo isso Judá teve a ideia de vender José como escravo por 20 ciclos de prata. Ao o venderem seu irmão tiveram a ideia de molhar a túnica rasgada de José no sangue de um bode que haviam matado e enviaram para seu pai com intuito de forjar um ataque e a morte de José. (Gn 37.32)

Jacó reconhecendo a túnica, pensou que um animal selvagem havia devorado seu filho amado, o que o deixou mal e até mesmo todos os filhos(as) tentando consolá-lo não surtiu efeito, pois ele se recusava a ser consolado (Gênesis 37:35). Jacó chorou muito dias por seu filho José, achando que o rapaz que tinha apenas 17 anos havia morrido.

Enquanto isso, José viajava com os Ismaelitas até o Egito, lugar em que foi vendido como escravo para um dos oficiais de guerra e capitão da guarda de Faraó: Potifar, que se “admirou” com sua boa aparência e esperteza, tanto que entre todos os seus escravos José era seu braço direito e tinha total acesso a sua casa.(Gn 39: 1 ao 6)

Até que em um dos dias na casa de Potifar sozinho, José foi assediado pela esposa de Potifar, mas não aceitando a o assédio e se lembrando do que seu senhor havia falado, de que tudo tinha em suas mãos menos uma coisa poderia ter, que era sua esposa, a rejeitou fugindo e deixando sua capa nas mãos dela, o que a deixou nervosa e fez com que o incriminasse

como se ele estivesse tentando alguma ação não respeitável contra a mulher de seu senhor. Com isso, ele foi acusado por Potifar que acreditou nas palavras de sua esposa e cheio de ira o lançou na prisão que era a pior prisão relatada pela bíblia o calabouço.

Nesta prisão José passou algum tempo, mas não despercebido pois assim que chegou foi colocado como alguém diferente dos outros presos pelo próprio carcereiro que o encarregou de cuidar de todos da prisão: “O Senhor, porém, , era com José, estendendo sobre ele a sua benignidade e dando-lhe graças aos olhos do carcereiro”. (Gn 39: 21 ao 23)

Nisso, durante o tempo que estava preso, outras duas figuras foram importantes para ele: o padeiro-mor e copeiro-mor do rei do Egito, que foram presos por ofenderem o rei. No entanto, por recomendação do capitão da guarda do Faraó, foram colocados na casa do capitão da guarda, no cárcere onde José estava preso, onde ficaram em detenção por algum tempo. Ambos tiveram um sonho, cada um o seu, na mesma noite. Numa manhã quando José veio a eles os viu perturbados e perguntou o que havia e eles lhe contaram os seus sonhos. O copeiro- mor, disse: -

Eis que em meu sonho havia uma vide diante de mim, e na vide três sarmentos; e tendo a vide brotado, saiam as suas flores, e os cachos produziam uvas maduras. O copo de Faraó estava na minha mão; e, tomando as uvas eu as espremia no copo de Faraó e entregava o copo na mão de Faraó”; Então José interpretou dizendo: esta é a sua interpretação: Os três sarmentos são três dias; dentro de três dias o Faraó levantará a tua cabeça, e te restaurará ao teu cargo; e darás o copo de faraó na sua mão, conforme o costume antigo, quando eras seu copeiro. Lembra-te de mim, quando te for bem; usa, peço-te de compaixão para comigo e faze menção de mim a Faraó e tira-me desta casa; porque, na verdade, fui roubado da terra dos hebreus; e aqui também nada tenho feito para que me pussem na masmorra. (Gn 40: 9 ao 15)

Quando o padeiro-mor viu que a interpretação era boa, disse a José: eu também sonhei, e eis que três cestos de pão branco estavam sobre a minha cabeça. E no cesto mais alto havia para o Faraó manjares de todas as qualidades que fazem os padeiros; e as aves os comiam do cesto que estava

sobre a minha cabeça. Então respondeu José: esta é a interpretação do sonho: “Os três cestões são os três dias; dentro de três dias tirará Faraó a tua cabeça, e te pendurará num madeiro, e as aves comerão a tua carne de sobre ti.” (Gn 40: 18 e 19)

E assim aconteceu ao terceiro dia, o dia natalício de Faraó, em que este deu um banquete e chamou-os. E tudo aconteceu como na interpretação de José: o copeiro-mor foi restituído a seu cargo e o padeiro-mor morto enforcado, porém, o copeiro não se lembrou de José, o deixando na prisão ainda por mais dois anos. (Gn 40: 16 ao 23)

Até que o inacreditável aconteceu quando o Faraó teve um sonho: -

Eis que estava em pé junto ao rio. E eis que subiam do rio sete vacas, formosas à vista e gordas de carne, e pastavam no prado. E eis que subiam do rio após elas outras sete vacas, feias à vista e magras de carne; e paravam junto às outras vacas na praia do rio. E as vacas feias à vista e magras de carne, comiam as sete vacas formosas à vista e gordas. (Gênesis 41:1-4)

O Faraó, dormindo de novo, teve outro sonho: “Eis que brotavam de um mesmo pé sete espigas cheias e boas. E eis que sete espigas miúdas, e queimadas do vento oriental, brotavam após elas. E as espigas miúdas devoravam as sete espigas grandes e cheias.” (Gênesis 41:5-7)

Acordando perturbado mandou chamar todos seus magos e conselheiros, mas que não conseguiram interpretar o sonho. No entanto entre todos os homens do palácio o copeiro-mor lembrou de José e do sonho que interpretou e que lhe ajudou a sair daquela masmorra em que foi colocado injustamente e contou a Faraó tudo que havia acontecido na prisão e do homem que interpretava sonhos.

Então, o Faraó mandou chamar José que foi trazido rapidamente da masmorra, para interpretar seu sonho. José explicou que este dom não estava nele, mas era de Deus e que Ele daria a resposta de paz a Faraó. (Gênesis 41:16)

O Faraó contou a José os dois sonhos que tivera. E José interpretou da seguinte forma: –

Na verdade, os dois sonhos são um só. As sete vacas gordas são setes anos de fartura e as sete espigas boas são sete anos de fartura e as sete vacas magras e as sete espigas ruins são sete anos de fome. Deus mostrou ao Faraó o que ocorrerá no futuro, sete anos de muita fartura estão para vir sobre o Egito, mas depois virão anos de fome, e fome tamanha que os tempos de fartura não serão mais lembrados. (Gênesis 41: 25 ao 32)

Após isso, aconselhou o Faraó para que tornasse alguns de seus homens responsáveis pelo armazenamento de comida nos tempos de fartura, assim como no tempo de escassez, pois a comida serviria de estoque e a terra não ficaria arrasada. E com o Faraó se agradando com suas palavras, reconheceu que o Espírito de Deus era com José e o constituiu autoridade sobre toda a terra do Egito (cargo de governador) dando-lhe um anel de ouro, e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro, e por mulher, Azenate, filha do sacerdote Om. Neste mesmo dia o nome de José foi mudado para Zafenate-Paneia, que significa “Deus salva, Ele vive”. E tinha José 30 anos de idade nesta ocasião.

Após os acontecimentos em que José interpretou no sonho do Faraó, teve seu primeiro filho que chamou de Manassés, porque disse “Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos e de minha família hebreia” (Gn 41: 51). Já o segundo, chamou Efraim porque disse “Deus me fez próspero na terra da minha aflição” (Gn 41: 52), passando os sete anos de abundância veio sobre toda a terra a grande fome decretada por Deus.

Nisso, José teve um reencontro jamais esperado com sua família, pois a fome atingiu também a família de José em Canã. Jacó ficou sabendo que havia mantimento no Egito e então enviou os seus filhos àquela terra para comprar os suprimentos necessários. Dez irmãos foram enviados ao Egito, ficando com o pai apenas o mais novo, Benjamim, que havia nascido depois da saída de José, porque tinha medo de perdê-lo também.

Nesta ida ao Egito os irmãos foram negociar a compra dos animais, com o próprio irmão José (mas sem o saber). Logo os irmãos se dirigiram a ele e se prostraram diante de seus pés. José lembrou-se do sonho que tivera quando ainda era um adolescente (quando as espigas de trigo e os astros se prostraram diante dele). Mas os irmãos não o reconheceram.

José falou duramente com eles, e s jogou todos os dez irmãos em uma prisão e ali os fez passar três dias. Passados esses dias, José libertou-os e disse, para trazerem o irmão mais novo e permitiu que levassem suprimento para a família. Para garantir que voltariam, deixou um dos irmãos preso.

Os irmãos se dispuseram a fazer o que lhes foi pedido. Mas disseram uns aos outros que isso tudo estava acontecendo porque Deus os estava punindo pelo que haviam feito a seu irmão José muitos anos atrás. Sentiram-se culpados.

E José os ouvindo retirou-se e chorou, depois retornou, prendeu a Simeão e despediu os outros irmãos com mantimentos. Ao retornarem à terra, os irmãos relataram tudo a Jacó e lhe rogaram que entregassem Benjamim. Jacó resistiu muito e não aceitou que seu filho acompanhasse os irmãos. Até que Rubens interveio, explicando que se ele não fosse dois de seus irmãos morreriam e prometeu que traria Benjamim de voltar e Judá também.

Mesmo não querendo e com muita tristeza seu pai aceitou entregar seu filho para acompanhar seus irmãos, sem imaginar que novamente encontrariam seu irmão José, que antes visto como sonhador, hoje era o Governador do Egito e que cada um de seus sonhos eram um prelúdio de algo futuro e grandioso, uma profecia sobre sua própria história que antes de ser escrita pelo acaso e pela vontade dos homens foi escrita por Deus.

Os irmãos desceram a segunda vez ao Egito, levando Benjamim, muitas especiarias e dinheiro em dobro para entregar ao não reconhecido irmão. Ao chegar José os avistou e levantou os seus olhos, e viu a Benjamim, seu irmão caçula, filho de sua mãe, e disse: “Este é vosso irmão mais novo de quem falastes? Depois ele disse: Deus te dê a sua graça, meu filho.” (Gênesis 43:29,30) Ao chegarem prostraram-se novamente e ofereceram a José todos os presentes que trouxeram e José mandou que seus servos preparassem um grande banquete para os recebê-los.

Depois do jantar, José pediu para que seus empregados preparassem as bagagens de seus irmãos, ordenou que fosse colocada uma porção completa de suprimentos e o dinheiro que cada um trouxe. Ordenou ainda que fosse colocada a sua taça de prata pessoal na sacola do irmão mais novo, Benjamim.

Na manhã seguinte os irmãos partiram e logo depois José mandou que seu servo fosse atrás deles dizendo: – “Por que pagastes mal por bem? Não

é este o copo em que bebe, meu senhor, e pelo qual bem adivinha? Procedestes mal no que fizestes “. (Gênesis 44:4-5)

Eles negaram, dizendo que como poderiam roubar a casa do senhor, que o recebeu com tamanha bondade, e pediram que olhassem em seus sacos e se achassem a taça poderiam matar. E foi isso que fizeram. Olharam os sacos e encontraram a taça com Benjamin, o que deixou seus irmãos desesperados frente a quebrar a promessa que tinham feito ao seu pai de retornar com o filho mais novo vivo. Isto fez com que Judá oferecesse a todos para ficar no lugar de seu irmão, mas José não aceitou e quis ficar apenas com Benjamin, que havia sido acusado de roubo.

Os irmãos tentaram conversar alegando que se ele não voltasse seu pai morreria chorando pois já havia perdido um de seus filhos e não suportaria perder mais outro, chegando até mesmo se oferecer para ficar no lugar de seu irmão pois não suportariam essa culpa.

Diante desta situação José não pode mais se conter e ordenou que todos deixassem a sala, seus empregados e servos e sua família. Então se pôs a chorar tão alto que todos os Egípcios do palácio ouviram. E se apresentou aos seus irmãos, indagando se seu pai estava vivo. Mas os seus irmãos ficaram tão chocados que não conseguiam responder.

– Eu sou José, o seu irmão, aquele que vocês venderam para o Egito agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Porque já houve dois anos de fome no meio da terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem sega. Pelo que Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito. (Gênesis 45:5-8)

José abraçou e chorou com cada um de seus irmãos e mandou buscar seu pai com todos os rebanhos, netos e bens que possuía para trazê-lo para o Egito, porque a fome ainda duraria 5 anos.

Os irmãos foram e contaram ao pai que José estava vivo e que era governador de todo o Egito. O coração de Jacó quase parou, ele disse:- “Basta; ainda vive meu filho José; eu irei e o verei antes que morra “. (Gênesis 45:28)

Jacó partiu com tudo que possuía e foi encontrar José na terra de Gósene quando o encontrou chorou longamente abraçado a ele. A família de Jacó habitou numa das melhores regiões do Egito, com a permissão de Faraó e com os alimentos que José havia armazenado sobreviveram em todos os anos de fome.

Depois de 17 anos, Jacó morreu e os irmãos de José tiveram medo que José retribuísse o mal que eles lhe tinham feito. Por isso enviaram um recado a José dizendo: “Antes de morrer nosso pai pediu para que nos perdoasse, porque te tratamos com muita perversidade e maldade, agora pois, perdoa o nosso pecado.” (Gn 50: 15 ao 17)

Mais tarde seus irmãos o encontraram pessoalmente, prostraram-se com o rosto em terra, dizendo- “Vós bem intentastes mal contra mim; porém, Deus o intentou para bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida. Agora, pois, não temais; eu vos sustentarei a vós e a vossos filhos “. (Gênesis 50:18-21). “Com isso perdoou seus irmãos. E morreu José com a idade de 110 anos.” (Gênesis 50: 26)

Sendo assim, a partir dessa história espera-se traçar a trajetória de José a partir dos conceitos de Jung, visando destacar o processo de individualização e outros conceitos e elementos trazidos em sua história como a sombra, a prisão, a túnica colorida, além do contato dele com Deus (arquétipo do Si- mesmo) que se dá de forma indireta já que é pelo sonho, etc.

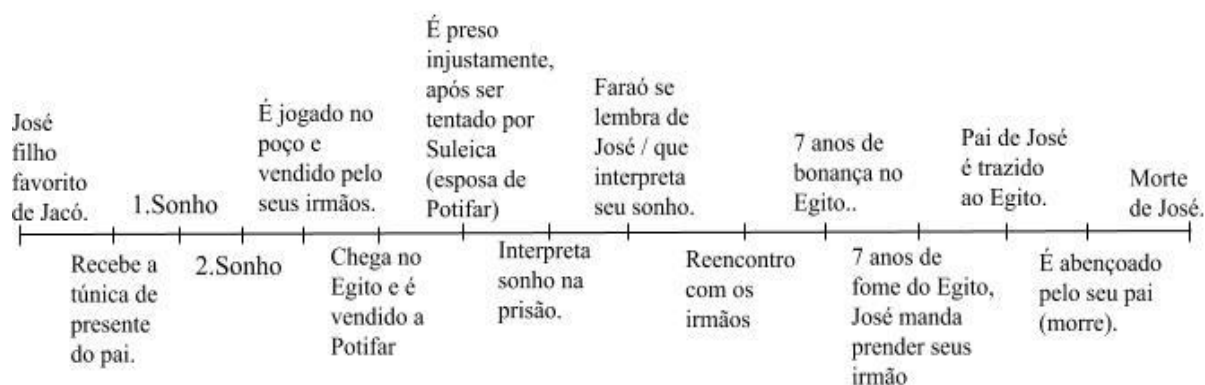
6. ANÁLISE

A análise deste trabalho foi baseada fundamentalmente em algumas referências tendo Jung como base, Von Franz (1988); Hall (2003) entre alguns outros.

Vale ressaltar que o objetivo principal deste trabalho é “Traçar a trajetória de José do Egito e seu processo de individualização a partir dos conceitos de Jung”. Para isso vamos iniciar a análise em questão a partir da linha

do tempo a abaixo, no sentido de tornar mais visível as fases que abordarem desta longa história.

1 TABELA: LINHA DO TEMPO.



A partir da tabela acima podemos destacar alguns conceitos / arquétipos que aprofundaremos no decorrer desta análise, como: sombra individual, sombra coletiva, persona, sonhos, morte em vida, relação do Si-mesmo em sua vida e o processo de individualização.

6.1. Processo de individuação

Olhar para frente, deve se converter em olhar para dentro de si. (JUNG)

O processo de individuação é um dos conceitos mais importantes introduzidos por Jung na Psicologia analítica, pois corresponde ao decorrer natural de uma vida, de um indivíduo, em outras palavras pode-se dizer que o processo de individuação torna desperta no individuo aquilo que sempre foi, porém, estava até então “adormecido” para consciência.

Segundo Vidiz (2010) para Jung, isso ocorre pelo fato da consciência sempre se desviar de sua base arquetípica instintual, opondo-se a ela, provocando assim uma tensão na oposição consciente – inconsciente que deve resultar em uma síntese, em um símbolo, que segundo o próprio autor:

... é o motivo pelo qual a individuação não pode de forma alguma, prescindir dos símbolos, que por um lado representa uma expressão primitiva do inconsciente e, por outro, é uma ideia que corresponde ao mais alto pressentimento da consciência (p. 35).

Compreendendo assim que o processo de individuação diz a respeito a todo homem, independentemente de sua cultura, valores e de seu desenrolar racional, pois não é controlado pela consciência, vemos que é apenas o resultado de um sistema auto regulador, que tende ao equilíbrio.

Neste sentido, entende-se que seu desenvolvimento se dá através de uma união de opostos, que costuma ocorrer quando a consciência está em uma situação crítica e o inconsciente dirige-se para uma formulação, que tem que ser entendida pelo ego. Com isso esta situação produz desconforto entre o ego e inconsciente (afinal, o fato psíquico que vem à tona se encontra, de algum modo, em oposição ao ego e suas tendências). Isto provoca um confronto da consciência, e com isso estamos nos referindo ao seu elemento contrário que tem caráter de totalidade que se apresenta ao ego como um desafio a uma união de polos que ocorre através de uma função vital que conduz a personalidade em direção a integração destes conteúdos.

Portanto, há a ampliação da consciência, o que tende a gerar uma atitude de cooperação entre consciente e inconsciente, resultando assim no processo de individuação, numa liberação do homem pelo próprio esforço e coragem de ser ele próprio, um indivíduo, que é um e todo ao mesmo tempo e o que sempre foi (JUNG, 2008).

Sendo assim, o processo de individuação poderia ser chamado também de “tornar-se si mesmo” ou “realizar-se do si mesmo”, não excluindo o universo de quem ele era e quem hoje ele é, mas sim o incluindo em uma só pessoa.

A partir disso também vale aqui diferenciar individuação e individualização, pois estes são conceitos que são, muitas vezes confundidos. Na *individualização* há crença suprema dos interesses individuais sobre os da coletividade. Este conceito não deve ser confundido com individualidade e/ ou individuação, onde há uma renúncia do si mesmo, que corresponde a um ideal social que, para ser alcançado, acentua e dá ênfase a suposta peculiaridade do

indivíduo que alimenta. Neste aspecto compreende-se que o individualismo provém do coletivo. Já a *Individuação*, se refere ao desenvolvimento da personalidade individual, é um processo pelo qual os seres distintos se formam e se diferenciam do coletivo, mas que não se apresentam como uma oposição ao ser individual.

A individuação, entretanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das particularidades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como uma combinação única, ou como uma diferenciação gradual de funções e faculdades que em si mesmas são universais (JUNG, 2006, p.50)

Jung (2009) também descreve como etapas do processo de individuação todos aqueles momentos da vida individual em que o destino humano rompe com as expectativas da consciência pessoal, tornando o homem cada vez mais consciente do próprio eu, e da sua totalidade, atitude esta parcial da vida consciente que é corrigida e compensada constantemente pelos componentes essenciais da natureza, de modo a interagir definitivamente o inconsciente na consciência, em outras palavras ajudando a se apropriar do eu na sua personalidade mais ampla.

Uma das formas, da natureza humana de compensar a atitude parcial da consciência é o sonho. Uma criação normal e espontânea da psique inconsciente, e por ter uma “conexão” mais ou menos frouxa com os demais conteúdos da consciência” (JUNG, 2009, p.179), o sonho guarda em si a possibilidade de uma atitude inconsciente que não apenas pode ser contraditória a consciência, mas tem um caráter autônomo. Sua razão de ser é permitir a realização de uma parte da personalidade que ainda não existe e está somente em vias de realização.

Com isso, pode-se dizer que o processo de individuação de José se iniciou durante seu primeiro sonho, em que houve uma tentativa de compensação afim de estabelecer um equilíbrio psíquico normal, entre seu

destino (sonho premonitório) com sua realidade atual, funcionando como uma espécie de auto regulação de seu sistema psíquico, em que uma série de sonhos o direcionou para seu processo de desenvolvimento e de organização (que não foi um dos mais fáceis, mais necessário, pois vendo sua história vemos o quanto foi criando uma postura mais autônoma e consciente de seus atos) que se desdobra segundo um plano bem elaborado (no seu caso nada elaborado conscientemente), mas que expressou seu processo de individuação (JUNG, 2009).

6.2. Sonho

Assim como uma planta produz flores, a psique cria seus símbolos. E todo sonho é uma evidência deste processo. (JUNG)

Quando falamos de sonho à luz da teoria de Jung [...] vemos o quanto ele é importante não só por se tratar de algo que remete a produção de arquivos inconscientes, mas também porque se trata de uma elaboração, que diz muito sobre uma pessoa, suas experiências vividas no cotidiano e do sentido de sua vida, que acompanha seu processo de individuação.

Como foi citado a cima a comunicação do sonho vem do inconsciente e é de grande importância para quem sonhou, pois ele representa pelo menos metade do ser total que oferece, quase sempre, conselhos ou orientações que não poderiam ser obtidos de qualquer outra fonte, pois assim como as palavras o sonho têm um sentido ligeiramente diferente para cada pessoa, todo conceito da nossa consciência tem suas associações psíquicas próprias.

Um sonho em nada se parece com uma história contada pela mente consciente, pois neles se acumulam imagens que parecem contraditórias e ridículas, perde-se a noção de tempo, e as coisas mais banais se podem revestir de um aspecto fascinante ou aterrador. (JUNG, 1964, p. 39)

Os sonhos não são uma espécie de criptograma padronizado que pode ser decifrado através de um glossário para a tradução de símbolos, mas sim uma expressão integral, importante e pessoal do inconsciente particular de

cada um e tão “real” quanto qualquer outro fenômeno vinculado ao indivíduo. Afinal o inconsciente individual de quem sonha está em comunicação apenas com o sonhador e seleciona símbolos para seu propósito, com um sentido que lhe diz respeito e a ninguém mais. Assim a interpretação dos sonhos, por um analista ou pela própria pessoa que sonha, é para o psicólogo junguiano uma tarefa inteiramente pessoal e particular que não pode, em hipótese alguma, ser executada empiricamente. (JUNG, 1964)

As imagens produzidas no sonho são muito mais vigorosas e pitorescas do que os conceitos e experiências congêneres de quando estamos acordados. E um dos motivos é que no sonho, tais conceitos podem expressar o seu sentido inconsciente. Pode-se qualificar este sonho como simbólico porque não representa uma situação de modo direto e sim indireto, por meio de uma metáfora, que não podemos ou conseguimos acessar conscientemente. Sua linguagem é trazida em seu simbolismo com muita energia psíquica, o que nos obriga a prestar atenção, não na linguagem mais no símbolo que muitas vezes significa mais do que o seu próprio significado imediato e óbvio. (JUNG, 1964)

Os símbolos, no entanto, são produtos naturais e espontâneos. Ninguém pode tomar um pensamento mais ou menos racional, a que, chegou por conclusão lógica e transformá-lo por intensão deliberada uma forma “simbólica”. (JUNG, 1964, p. 55)

Porém, o que entendemos como sonhos e seus símbolos? De acordo com a teoria junguiana pode-se considerar em um sonho um símbolo quando a emoção e o pensamento energético já são conhecidos e estão apenas “disfarçados” pelos sonhos. Porém, esses símbolos que aparecem nos sonhos ocorrem de forma espontânea, e não inventada, e se constituem como fonte principal de todo o nosso conhecimento a respeito do simbolismo, simbolismo esse que não ocorre apenas em sonhos, mas que podem aparecer em todos os tipos de manifestações psíquicas (afinal existem pensamentos e sentimentos simbólicos).

No entanto, algo que não pode se esquecer é que os símbolos oníricos não podem ser separados da pessoa que o sonhou, assim como existem interpretações definidas e específicas para qualquer sonho a maneira pela qual

a inconsciente completa compensa o consciente varia tanto de indivíduo que é impossível saber que o ponto pode, de verdade, haver uma classificação de sonhos e seus símbolos.

Pois, quando se fala de sonhos não se refere a uma história ou de um roteiro já dado e controlado pela consciência, mas sim de algo que nos escapa e que se diferencia por tipos: pequenos sonhos, grandes sonhos, sonhos traumáticos, pesadelos e sonhos premonitórios. E que cada um destes tipos tem uma função ou mais de uma que pode ser a de compensação- exageros quantidade, retificação- corrigir atitudes, reativação- sonhos que traz como temas a ressignificação e ajuda elaborar, prospecção- aponta de onde veio e para onde estamos indo e prognóstico- premonitório.

A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstrói, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É ao que é denominado função complementar (ou compensatório) dos sonhos na constituição psíquica. (JUNG, 1964, p. 62)

Assim, pode-se ver que os sonhos de José seguem um “perfil”, de sonho premonitório e prognóstico, que o direcionava inconscientemente para sua ICP (ideia central permanente), de forma inconsciente, mas que revelava muito naquele momento o que lhe aguardava mais à frente em sua vida.

Analisando o primeiro sonho de José:

“Estávamos atando molhos no campo; eis que o meu molho, levantando-se ficou em pé; e os vossos molhos o rodeavam, e se inclinavam ao meu molho” (Gn 37: 7 e 8)

Pode-se ver que o simbolismo que o sonho carrega em si não está apenas na posição/ localização em que José ou melhor o “molho” que o representa, mas também do próprio alimento molho/ trigo (em outras versões), alimento esse que é encontrado na terra lugar ligado o ciclo da vida, ao crescimento e desenvolvimento de um povo, no caso desta como muitas outras histórias da bíblica o sustento primordial do povo do Egito vinha do solo/terra através das plantações e do gado que se criava.

Além disso, vemos que o sonho do molho (que se refere ao simbolismo do “molho” na Bíblia) no campo mostra claramente a posição que

José poderia assumir um dia, posição de liderança de alguém que estava à frente de seus irmãos e acima de um povo. Explicando assim o comportamento e o sentimento que despertou em seus irmãos, que ao ouvi-lo contar o sonho enxergaram com características desagradáveis, com espírito de grandeza e soberba, pois diferentemente do que o sonho de José revelava (uma superioridade do mais novo sobre o mais velho), a realidade era outra e foi aí que nasceu ou causou o incomodo, pois as leis regidas no seu tempo, eram rígidas quando se pensava na posição em que cada um assumia dentro de uma família , por isso seus irmãos não aceitavam a falta de submissão do irmão mais novo, José, perante eles.

E isso fica mais evidente em José quando lemos que mesmo tendo percebido a reação de seus irmãos ele ainda insiste em compartilhar seu segundo sonho:

“Desta vez, o sol a lua e onze estrelas se curvaram perante mim. Sonho esse que teve repreensão de seu próprio pai que o indagou perguntando se ele e a sua mãe e seus irmãos viriam se curvar a ele?” (Gn 37: 9 e 10)

Isto provoca ainda mais a ira de seus irmãos que não entendiam o significado e recusavam aceitar a posição em que José se colocava sobre eles. Pode-se concluir que José não tinha consciência da própria importância e que se subestimava, fato que explica o motivo de seus sonhos emergirem ao plano consciente, provavelmente porque ele se achava uma pessoa comum e não entendia de fato a posição que tinha dentro de sua própria casa, entre seus irmãos e a preferência de seu pai, pelo menos não naquele momento de sua vida ou com a malícia que seus irmãos enxergavam (VON FRANZ, 1988).

Sua interpretação de sonho não se limitou a sua juventude, pois mesmo não tendo clareza de seus sonhos ou não querendo aceitá-los por uma resistência, não apenas sua, mas da sua própria família, José viveu diversos obstáculos durante sua jornada, sendo vendido para o povo Ismaelita, preso em um calabouço por uma calúnia de Zuleica esposa de seu patrão Portifá que o acusou de assédio, onde passou algum tempo, até que chegaram dois homens

de confiança do Faraó acusados de atentarem contra sua vida e que teriam papel fundamental em sua vida.

Na noite em que foram levados presos copeiro-mor e padeiro-mor, eles tiveram sonhos (cada um o seu), que pela manhã foram interpretados por José quando os viu perturbados. Estes sonhos poderiam ser identificados como: copeiro-mor – pequeno (falava da restituição de cargo) e prognóstico - premonitório (mostrava o que lhe aconteceria dentro dos 3 dias) e do padeiro-mor – pesadelo (pois falava de sua morte), prognóstico - premonitório (que mostrava o que iria acontecer dentro dos 3 dias).

E o mesmo aconteceu com o Faraó, que em uma noite teve dois sonhos que revelavam não apenas o seu destino, mas de seu povo, e não tendo quem interpretasse foi lembrado pelo copeiro-mor de José um hebreu /escravo que estava preso junto com ele e interpretou seu sonho, acertando no que lhe aconteceria revelando situações que estavam para acontecer.

A partir disso, analisando o sonho e a interpretação feita por José observa-se que os sonhos de Faraó se encaixam no “perfil”- 1.o sonho: Grande sonho, prognostico- premonitório que apontava para onde estavam caminhando, um tempo (7anos) que a terra do Egito viveria, tempo de grande bonança e fartura. Já em seu 2sonho: Grande sonho, pesadelo, prognóstico- premonitório, que revelava um ciclo de 7 anos onde a terra do Egito passaria por um tempo de muita fome e seca.

Quando me refiro ao Grande Sonho me refiro ao arquétipo / o simbolismo que seus sonhos traziam com representação da vaca que demonstrava claramente em seus sonhos tempo e o ciclo que o povo viveria, o que se iguala a visão que o povo do antigo Egito tinha sobre este animal, o enxergando como mãe do sol que representava a fertilidade, a renovação e a esperança na sobrevivência. No vale do Nilo, as mulheres usavam um amuleto com a figura de uma vaca com a esperança de garantir que tivessem muitos filhos. Para os Mesopotâmicos, por sua vez, a Grande Mãe ou a Grande Vaca era uma deusa da fecundidade. E o próprio número 7, que carrega um grande simbolismo e é considerado pelo povo e muitas culturas como número de Deus, que indica a relação viva entre o divino e humano, o fim de um ciclo e o início de um ciclo novo, que representa a totalidade, a perfeição, a consciência, a

intuição, a espiritualidade, a vontade, que simboliza também conclusão cíclica, renovação, e também é visto por muitos como um regulador de vibrações.

Estes são dados interessantes e só confirmam o que JUNG (1964) traz em seus estudos quando diz que “sonhos se parecem, mas não usam a mesma maneira os símbolos do inconsciente”. Isto pode ser notado claramente nos sonhos interpretados por José do copeiro-mor, padeiro-mor e do Faraó, que demonstra que o inconsciente é um grande amigo e conselheiro da consciência e que só se faz conhecido pelo inconsciente através da sua comunicação bidirecional por meio do próprio sonho que tem uma comunicação particular e individual com o sonhador.

No entanto para concluir este tema vale ressaltar que um dos aspectos semelhantes entre todos os sonhos trazidos durante a vida deste personagem é que eles (sonhos) mostram como encontrar um sentido a vida e ajudam a cumprir seu destino não os limitando, mas abrindo uma possibilidade do que fazer e como fazer, mesmo diante de todos obstáculos percorrido em sua trajetória. Isso se refere a vida de José que após a interpretar o sonho do Faraó é colocado e nomeado como governador do Egito, o único que estaria acima até mesmo do Faraó por nome e único estando abaixo em trono.

6.3. Sombra individual / coletiva

Toda a gente tem o seu lado obscuro que - desde que tudo corra bem - é preferível não conhecer. (Carl Gustav Jung)

Quando falamos de sombra a luz da teoria analítica vemos que existem várias definições que vão se completando. Para muitos autores como Edward C. Whitmont, a sombra diz respeito a tudo aquilo que foi reprimido durante o desenvolvimento da personalidade e que não se adequa ao ideal de ego. Se você teve uma educação cristã, com o ideal do ego de ser benevolente, moralmente reto, gentil e generoso, então certamente você precisou reprimir todas as suas qualidades que fossem a antítese desse ideal: raiva, egoísmo, loucas fantasias sexuais e assim por diante. Todas essas qualidades que você seccionou formariam a personalidade secundária chamada “sombra”.

Para Jung (2011): A sombra se constitui como um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, e que ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendir energias morais. Pois, nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. Já para Hall (2003) a sombra é como “uma parte inconsciente da personalidade caracterizada por traços e atitudes, negativos ou positivos, que o Ego consciente tende a ignorar ou a rejeitar” (p.219).

Com isso vemos que a sombra é o arquétipo que mais influencia o Ego, pois seus conteúdos apesar de não se encontrar na consciência, já fizeram parte da consciência e do Ego, porém, hoje sua manifestação é de forma inconsciente, quando se percebe que está em “débito” com esses aspectos que foram negligenciados. Por isso, negligenciar a sombra existente em nós mesmos traz sentimento de culpa. Muitas pessoas desconhecem mais a sombra que carrega uma maior quantidade da natureza animal, os instintos básicos e é fonte de intuições realistas e de respostas adequadas, importantes para a sobrevivência. Segundo Grinberg (1997), a maior dificuldade encontrada para se lidar com o arquétipo da sombra é a de, em primeiro lugar, acreditar seriamente que as características que não estão bem desenvolvidas (fraquezas) existem e, em segundo lugar, aceitá-las.

Apesar da sombra em nossa sociedade e cultura ser enxergada como traços negativos de nossa personalidade, temos que ter em mente que ela não se restringe a isso e muitas vezes também representa aspectos positivos que foram reprimidos (VON FRANZ, 1988).

O confronto com a metade obscura da personalidade, com a ‘sombra’, produz-se por si só em toda terapia mais ou menos profunda (JUNG, 1994, p.41).

Pois, por meio desse encontro entre o Ego e o inconsciente podemos retirar as projeções dos objetos e restituir a energia do Ego, mas isso só é possível porque é na sombra que estão as características necessárias para o desenvolvimento de uma personalidade sadia.

Mas você deve estar se perguntando onde se pode ver esta sombra se manifestar na história de José e isso fica claro no trecho que separamos a seguir para ilustrar um traço que demonstra o adormecimento e o aparecimento da sombra em sua consciência:

Após os acontecimentos em que José interpretou no sonho do Faraó, teve seu primeiro filho que chamou de Manassés, porque disse “Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos e de minha família hebreia” (Gn 41: 51). Já o segundo, chamou Efraim porque disse “Deus me fez próspero na terra da minha aflição” (Gn 41: 52), passando os sete anos de abundância veio sobre toda a terra a grande fome decretada por Deus.

Nisso, José teve um reencontro jamais esperado com sua família, pois a fome atingiu também a família de José em Canã. Jacó ficou sabendo que havia mantimento no Egito e então enviou os seus filhos àquela terra para comprar os suprimentos necessários. Dez irmãos foram enviados ao Egito, ficando com o pai apenas o mais novo, Benjamim, que havia nascido depois da saída de José, porque tinha medo de perdê-lo também.

Nesta ida ao Egito os irmãos foram negociar a compra dos animais, com o próprio irmão José (mas sem o saber). Logo os irmãos se dirigiram a ele e se prostraram diante de seus pés. José lembrou-se do sonho que tivera quando ainda era um adolescente (quando as espigas de trigo e os astros se prostraram diante dele). Mas os irmãos não o reconheceram.

José falou duramente com eles, e se jogou todos os dez irmãos em uma prisão e ali os fez passar três dias. Passados esses dias, José libertou-os e disse, para trazerem o irmão mais novo e permitiu que levassem suprimento para a família. Para garantir que voltariam,

Analisando o texto acima, vemos que a sombra na vida de José estava adormecida até o momento em que teve seu primeiro filho, onde não apenas traz a memória, mas faz e é lembrado, através do significado do nome de seu primogênito, suas superações e tudo que passou até aquele momento de sua vida.

Ele demonstra assim que o que parecia estar bem resolvido começava a escapar de seu inconsciente vindo em direção à consciência, junto de seus sentimentos e ressentimento por parte dos seus irmãos que fizeram passar por tudo que passou e o privou de crescer ao lado de seu pai e de seu irmão mais novo Benjamin.

Isso fica claro no reencontro improvável, que o faz ter contato, ser confrontado por aspectos que até então estavam reprimidos e que desperta sentimento de vingança e compaixão. Ao mesmo tempo que sente e demonstra

desejo de se vingar de seus irmãos, se move com compaixão na tentativa apenas de ver se eles se arrependeram ou não do que lhe fizeram.

Com isso vemos que este é o primeiro e único momento no qual a sombra de José se mostra à consciência, trazendo não apenas um lado negativo, mas o positivo, fazendo-o lembrar não apenas do que viveu, mas da posição em que estava e ocupava como governador do Egito. Neste momento imagina-se que ao reencontrar seus irmãos e ver eles se prostrarem diante dele, ele relembra do sonho que teve em sua juventude e de todo processo que pelo qual passou para chegar até onde chegou.

Diferente do que muitos ao lerem ao sua história sentem, quando José está diante de seus irmãos e ao vê-los arrependidos, se lembrando do que fizeram a ele, se move no sentido de restituir a energia do Ego, conseguindo a partir dali desenvolver uma relação mais sadia com seus irmãos e consigo mesmo principalmente ao perdoá-los e ao rever seu pai.

Porém, o que é importante dizer quando falamos de sombra é que além da sombra individual, existe a sombra coletiva, que seria uma sombra na qual eventos externos, como toda rede de apoio (família, amigos) que cerca uma pessoa, se misturam com características pessoais do sujeito, fazendo com que ele não consiga assimilar uma separação entre ele e seu coletivo. Em outras palavras, a sombra coletiva nada mais é que uma intensificação/ multiplicação da força da sombra que existe em nosso inconsciente na sociedade em que vivemos, que nos faz tomar atitudes que sozinhos talvez não tomaríamos. Um exemplo do que estou falando está no extermínio em massa e até mesmo nas guerras.

Agora no caso da história de José um vestígio da sombra coletiva, é o momento em que seus irmãos unem forma, após serem “dominados” por um ciúme e inveja anormal, para matá-lo, como podemos ver no trecho abaixo:

Mas ainda aconteceu outro sonho: “Desta vez, o sol a lua e onze estrelas se curvaram perante mim. Sonho esse que teve repreensão de seu próprio pai que o indagou perguntando se ele e a sua mãe e seus irmãos viriam se curvar a ele?” (Gn 37: 9 e 10). Isto provocou mais raiva em seus irmãos que logo tramaram um plano para pegá-lo.

Para isso aproveitaram a oportunidade que tiveram quando Jacó pediu para que José fosse encontrar seus irmãos no campo em Siquem, onde estavam apascentadas as ovelhas, no intuito que fosse e trouxesse resposta de como estavam. Seus irmãos conspiravam entre si, contra ele. “– Lá vem o sonhador! Venham, vamos matá-lo agora. Depois jogaremos o corpo num poço seco e diremos que um animal selvagem o devorou. Assim veremos no que vão dar os sonhos dele” (Gn 37: 19 e 20). E todos menos Rubens aceitaram matar o irmão, mas sugeriu que o jogassem no poço, para não terem em suas mãos sangue inocente, mas na verdade com o intuito de mais tarde voltar e ajudá-lo.

Neste trecho fica claro que a sombra, antes de se tornar coletiva, se manifesta nos irmãos individualmente, mas que ganha força para concretizar a ação pensada e planejada quando se unem após um momento de raiva e inveja que parte de Gideão, que enxerga em José, um rival, alguém que está roubando não apenas o lugar do primogênito, mas dele (no caso 2º filho). E essa inveja fica evidente e se intensifica quando José conta seu segundo sonho, que é visto como uma confirmação do primeiro.

O interessante é que ao analisarmos o trecho que se segue a este acima vemos que a primeira sombra individual a se manifestar foi a de seu irmão Gideão que o via como inimigo e que traça um plano no intuito não apenas de colocar José em seu lugar, mas também de matá-lo. No entanto, se percebe que ele aproveita dos ciúmes que seus irmãos estão sentindo para incentivar e dar espaço para que as sombras individuais deles se manifestem e se unam, no propósito de colocar em prática o ato pensado.

Aproveitando um pedido do pai, ao ver José caminhando em sua direção, relembra seus irmãos dos acontecimentos e a posição ocupada por José e o que não faria sozinho, ganha companhia fazendo com que os sigam um caminho que não tem mais volta. Quando a pessoa passa a ser tomada pela sombra, ainda mais a sombra coletiva, sua energia se intensifica aumentando assim sua revolta pelo objeto ou pessoa em questão fazendo com que nada mais seja enxergado.

E é isso que vemos nesta história, mas com uma pequena e sutil mudança, pois quando os irmãos de José pensavam em tirar sua vida, Rubens,

seu irmão mais velho, contorna a situação dando outra solução, vende-lo para os mercadores de escravo que ali passavam.

E com isso podemos aqui iniciar um outro conceito não menos importante que é a “morte em vida”.

6.4. Morte em vida

Se voltarmos um pouco lá atrás, vemos que o processo de individuação vai muito além do que preparar uma pessoa para vida, pois ele caminha também para o significado de como se entende e se enxerga a morte.

Muitas vezes enxerga-se a morte como último e maior fato, que está acima de tudo e todos, como algo que está fora de nosso controle e desejo, podendo ser enxergada como algo doloroso, nas quais transições difíceis tem que ocorrer, como no caso de José, que teve que passar por um processo difícil e doloroso para alcançar/ viver de fato o que seus sonhos lhe mostravam quando jovem.

No entanto sua morte forjada por seus irmãos não foi a única em que viveu em vida, já que o fato de ser vendido como escravo representa muito e intensifica muito, a sua anulação como “homem”, “ser”, provedor de uma identidade. E para encerrar este ciclo não se pode esquecer da própria prisão na qual foi colocado, que segundo a própria bíblia e historiadores, era a pior prisão que existia na época: calabouço ou masmorra. Porém, o fato que importa aqui não é somente o tipo de prisão e o tempo em que ficou mais sim o que significava e significa este preso, ser visto e nomeado como um ex presidiário.

Afinal, quando ouvimos falar de escravo/ escravidão e prisão logo pensamos em um sujeito que foi privado de sua liberdade, de seus direitos e desejos, sendo submetido a vontade de outrem, que o tem como propriedade, nos referindo a um sujeito que é visto e colocado a margem da sociedade.

E analisando a história de José é isso que vemos: um jovem que pela inveja de seus irmãos é colocado em um lugar no qual não ocupava em sua casa, lugar este de exclusão social e desfavorecimento.

Com isso pode-se dizer que segundo a teoria junguiana a morte em vida de José nada mais foi que parte de seu processo de individuação, que não visa apenas o autoconhecimento e a compreensão da totalidade própria do SER,

permitindo que experimente conscientemente os fatos que fogem de seu controle e que passam por cima de seu desejo e intervêm decisivamente em sua vida.

Neste sentido entende-se que o fato de ser quase morto, vendido e preso, foram pontos importantes e que o ajudaram a mudar o sentido da sua vida fazê-lo caminhar na direção do que seu sonho lhe apontava. Apesar deste processo todo ter sido sofrido e doloroso, ele o “fortaleceu” para enfrentar cada etapa que viveu e cada dificuldade que enfrentou.

Além disso, outro aspecto importante em sua história foi a representação da sua morte em vida dada por seus irmãos, logo após ter provocado/ atiçando sua inveja com seus sonhos. E isso os fez entrar em contato com seu lado obscuro, pois não conseguiam mais suportar e enxergar o que José não enxergava ou na opinião deles fingia não enxergar. Deste fato veio a ideia e a oportunidade de se livrarem dele, primeiro pensaram em matá-lo, mas após refletirem a partir da fala do irmão mais velho Rubem teve a ideia de vendê-lo como escravo.

O que faz pensar que a morte para os irmãos de José naquele momento ia além da morte física, que talvez seria vista como “pouco” ou “esperado”, por isso a ideia de matá-lo em vida - vendê-lo como escravo. Na visão da teoria junguiana este fato pode ser visto como a morte do ego, onde a vida da psique não está necessariamente compreendida no espaço e no tempo, mas também na posição que se ocupa, no caso de José, a posição que ocupava em sua casa e entre seus irmãos.

6.5. Persona

A palavra persona vem do grego e diz respeito, a uma máscara usada pelos atores para indicar que estavam representando um papel. Já na psicologia junguiana o arquétipo da persona também tem uma função semelhante, que dá ao sujeito a possibilidade de representar um personagem que necessariamente não é ele.

Refere-se uma fase social que o indivíduo apresenta ao mundo, podendo ser enxergada ou não para dissimular a verdade sobre si mesmo, além de ser uma importante fase para sobrevivência humana. É um aspecto ligado a

um conjunto de ideias que se originam na sociedade que denominamos de regras sociais, ajudando assim a convivermos uns com os outros, principalmente as pessoas desagradáveis.

Neste sentido, muitas vezes, o sucesso da adaptação social vai depender da persona adequada. Apesar da persona estar ligada a uma máscara usada no social, ela não exclui o sujeito como é, seja na forma de se vestir, se movimentar, sua postura corporal. (GRINBERG, 1997)

Ao mesmo tempo em que nos vestir como os demais nos assegura um lugar em um determinado grupo, a criatividade ligada a pequenas nuances e variações fornece um significado pessoal e expressa nossa marca registrada. (Grinberg, 1997, p.143)

Em outras palavras a persona é flexível e seu movimento que surge a partir de um ego forte no intuito de se relacionar com o mundo exterior (Hall 2003). No entanto, mesmo em meio a tantos benefícios, não se pode esquecer que tudo em excesso pode se tornar prejudicial e causar um desequilíbrio, afinal se a pessoa toma como verdade para si o papel em que está atuando, o ego pode começar a se identificar unicamente com o personagem, deixando outros aspectos da pessoa de lado ou na pior das hipóteses até fazendo-os serem esquecidos.

Neste aspecto a teoria junguiana explica este fenômeno como Inflação da Persona, isso é faz com que o ego se identifique com um personagem de maneira unilateral, gerando assim desequilíbrio. Muitas pessoas que sofrem desta inflação experimentam sentimentos principalmente de inferioridade e de não aceitação de si mesmo, por se sentirem incapazes de corresponderem a tudo aquilo que se espera dela.

Porém, essa temática pode ser vista de uma forma muito mais complexa quando vista pelo aspecto da formação da personalidade no âmbito familiar, onde muito dos casos, os pais tentam projetar em seus filhos suas próprias persona, provocando muitas vezes resultados infelizes, o que pode levar a persona a se tornar rígida, encobrendo assim a integridade do eu, pois quanto mais a persona do indivíduo aderir à pele do ator, mas dolorosa será a

operação psicológica para despi-la, quando a máscara parece ser uma face desconhecida.

Porém, o problema está quando esta máscara diz respeito ao lado escuro onde mora as características que nos desagradam e até mesmo nos assustam, por isso o melhor caminho é aquele em que o indivíduo busca o equilíbrio.

Trazendo isso para análise de nosso personagem, José, vemos que a persona em sua vida, se mostra desde o início de sua história com uma dualidade, onde não se apresenta apenas como aquilo que é aceito e enxergado pelo outro mais por si mesmo, afinal não sem motivo que o compartilhar de seu sonho e sua atitude, modo de agir acusava incomoda por seus irmãos que não eram como ele. Além disso pode-se ver que em seu contexto familiar, ele era o filho no qual seu pai projetava/ despejava sobre si suas esperanças, sonhos, vitórias e alegrias, afinal era visto entre os filhos como predileto, mais amado e até como milagre por ser filho da mulher que seu pai mais amava Raquel.

Porém, o que se vê é que não se tratava apenas da persona de José em como ele agia, sentia e vivia o papel no qual lhe fora imposto (filho), mas sim em como esse papel refletia no restante da família, e principalmente na relação com seus irmãos.

Com isso, também pode-se notar que sua persona ganhou novas fases a partir de sua separação brusca de seus familiares, onde em cada fase vivida foi se moldando segunda própria situação, perdendo a “direção” apenas em um momento, quando se torna governador do Egito e revê seus irmãos. Naquele momento, não parecia ser o homem que a história inteira relata ficando claro o aparecimento da sombra, ou melhor a tentativa de vir a consciência e de trazer consigo todos os sentimentos mal resolvidos que guardara para si pelo menos até o momento, pois ouvindo seus irmãos conversarem e vendo seu sofrimento e arrependimento abandona o “plano” de vingança e os acolhe na terra do Egito, onde mora com sua atual família.

6.6. Si-MESMO

Com isso caminhamos para o último arquétipo que veremos, o do Si-mesmo, que para Jung nada mais é que um “fenômeno” observável devido ao

próprio fato de ser espontâneo e autônomo. A partir disso, vemos que além de serem produtos do inconsciente que se manifestam principalmente em sonhos ou visões (com imagens que podem se repetir e expressar ideias de totalidade), no momento em que temos a mente mais disponível e a imaginação ativa - que seria uma forma de expor a mente as profundezas do self, do inconsciente e trazê-los a consciência no sentido de ajudar a pessoa em seu processo de autoconhecimento.

Em outras palavras, a imaginação ativa nada mais seria que a realidade vivida que se encontra com aquilo que a mente inconsciente produz, provocando um paralelo entre artefatos produzidos da mente e expressando em dança, arte, imagens, fotos, objetos, grupos e até mesmo figuras geométricas como o círculo.

Na teoria junguiana a noção de quaternidade é de grande importância para o pensamento pois aponta que este termo indica a decomposição de um inteiro em quatro partes e simultaneamente a composição de um inteiro através da relação que as quatro partes mantêm entre si. Pode-se assim considerar esta quaternidade com um símbolo de origem arquetípica, que é o resultado de uma estrutura fundamental do imaginário coletivo - um conjunto de símbolos, conceitos, memória e imaginação de um grupo que pertence a uma comunidade que tem este símbolo como algo maior. (JUNG, 1964)

No caso de José vemos que para ele tanto seus sonhos como a própria interpretação que faz no decorrer de sua trajetória é enxergada como um dom de Deus, como se fosse algo que o ligasse ao Si-mesmo, que segundo Hall (2003) nada mais é que o arquétipo da totalidade e do centro regulador da personalidade que é vivenciado como um poder que transpassa e transcende o Ego, por exemplo: Deus, ser que está sobre e sob todas as coisas.

É conhecido também como arquétipo da ordem que tem como função organizar e harmonizar os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência, caracterizando a individualidade de cada pessoa, buscando sua melhor adaptação possível nas diversas fases de desenvolvimento ao longo da vida e trazendo à personalidade total um senso de unidade e firmeza. Para muitos pode estar associado a inteireza e está distante de ser perfeito, afinal esse arquétipo também pode ser visto como antagonismo.

Afinal a realização do Si-mesmo nos conduz impreterivelmente para algo que nos suscita um mais profundo conflito, que pode ser chamado de luz e treva. Com isso já vemos que o homem não é esse ser perfeito pois não habita apenas a luz, mas também trevas, como vimos acima na “Sombra e Persona”, algo que foge do que imaginamos quando pensamos neste arquétipo refletido em um homem em nossa sociedade.

Neste sentido se vê que o homem vive constantemente em busca de metas, estratégias que o levem a perfeição do conhecimento sobre si mesmo. No entanto para se atingir este estado de auto realização e autoconhecimento, depende muito mais de si ou em outras palavras de uma grande cooperação do Ego, pois é necessário que este observe e valorize as mensagens vindas do arquétipo do Si mesmo, no sentido de se entender como ele te afeta e o entende. Buscando compreender esse par de opostos (consciente e inconsciente) que são fundamentais para que se processe o efeito de individuação da personalidade (pelo menos para que se dê o início), aquilo que muitos encontram principalmente em experiências verdadeiramente religiosas, que não focam apenas na doutrinação bíblica ou humana, mas no autoconhecimento, fazendo com que o homem enxergue a si mesmo. (JUNG, 2011)

Aponta-se, assim, para uma evidente maturidade que a personalidade precisa ter para desenvolver o arquétipo do Si-mesmo e para que possa se manifestar de modo “mais ou menos” completo, afinal nos seres humanos nunca chegam de fato a se completar ou alcançar a perfeição.

Por isso, encaramos está “perfeição” que nos é apresentada muitas vezes através da manifestação nos sonhos de uma forma inconsciente, personificada em figuras das quais emana sabedoria e superioridade, como deuses, deusas, a figura do Velho Sábio e símbolos de figuras quaternárias como o quadrado, a cruz e o próprio número quatro (as quatro estações do ano, os quatro pontos cardeais) bem como símbolos que exprimem a totalidade: o círculo ou a mandalas.

Neste sentido podemos assim explicar muito sobre José já na sua fase adulta, em como se relacionou com seus sonhos e os sonhos que interpretou, pois os via como um dom de Deus. Nas palavras junguianas entende-se que o que José estava fazendo era dar voz ativa e consciente ao que lhe tinha sido trazido do inconsciente (sonhos), algo que foi ganhando força com

o passar dos anos, após enfrentar tantos desafios e obstáculos sem desistir. Tudo indica que em seu caso ele passou de uma pessoa que não entendia o porquê de fato de estar passando por aquilo, para um merecedor de suas conquistas. principalmente por se destacar com suas atitudes, sua índole e estratégias/ ideias dos demais. Exemplo disso foi a proporção das coisas que foram acontecendo em sua vida, a cada passo que dava, de tal forma que quem o viu rebaixado (prisão) o veria ao lado do trono, sendo responsável não apenas pelo povo mais sim por sua nação.

7. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como intuito fazer uma análise a partir da história de vida do sujeito, buscando pensar nele não apenas como ser social, mas também cultural. Neste sentido pensou-se em trabalhar o personagem escolhido José do Egito a partir da visão junguiana, envolvendo seus arquétipos, processo de individuação. Na tentativa articular a psicologia enquanto ciência com a bíblia, apontou-se para sua multiplicidade na produção de conhecimento, com o propósito de se entender não só o personagem mais o contexto social e tempo no qual estava inserido.

Com isso pensou-se a psicologia como algo subjetivo do sujeito e do seu desenvolvimento porque a alma (psyche) não é una, nem múltipla: a alma é a parte do humano que nos escapa, não mensurável nem cabível plenamente em definições estáveis.

Além disso, a escolha da abordagem da psicologia analítica de Jung foi preferível primeiro pela abertura da própria abordagem como também a posição que ocupa muitas vezes dentro da academia um lugar desprivilegiado, sendo apelidada muitas vezes como “mística”, entre outros.

Ao dedicar meu trabalho de conclusão de curso a tentativa de aproximar a teoria junguiana da análise da vida de José do Egito, tento restituir sua importância enquanto teoria psicológica dentro da via acadêmica na sua interlocução com textos tão importantes como os da Bíblia. Tentou-se, assim, criar um espaço de interlocução, uma aproximação dentro do possível; tarefa essa indispensável na práxis de qualquer psicólogo.

Neste sentido pode-se ver o objetivo do trabalho foi alcançado, e um perfil foi traçado de acordo com a visão de Jung e seus arquétipos. Chega-se à conclusão que José segue o perfil de uma pessoa extrovertida, de alguém que tem facilidade em se comunicar, não tem problemas com o social, apesar de causar muita inveja, cobiça por onde passava. Afinal ele se destacava por onde passava, mostrando facilidade em se adaptar em diferentes fossem eles bons ou ruins, e possuía grande inteligência e estratégias para resolução de problemas.

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

Bíblia. Português. **Bíblia sagrada** para Mulher + Harpa para Android. Linguagem Atual (LAT). [S.1.]: Aleluiah Apps, 2015. v. 10.

EDINGER, Edward F. Bíblia e Psique, simbolismo da individuação no Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1990

_____. A Criação da Consciência, o mito de Jung para o homem moderno. São Paulo: Cultrix, 1996

GRINBERG, Luiz Paulo. Arquétipos e inconsciente coletivo In: Jung: o homem criativo. São Paulo: FTD, 1997, p. 133-170.
texto: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Jhonatan-Pino-FCL.pdf>

HALL, C.S; Nordby, V.J. Introdução à Psicologia Junguiana. Ed. Cultrix, SP, 2003.

HORLLE, Luis Flávio & SILVA, da Pereira Nélio. Jacó, de trapaceiro a patriarca, caminhos da individuação. Psicol. Argum., Curitiba, v. 25, n. 48 p. 39-50, jan./mar. 2007.

JUNG, Carl. Gustav. *Aion – Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 01 -121. 1964

JUNG, Carl Gustav. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Psicologia e Religião. Volumes: XI/1. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Obras completas de Carl Gustav Jung. Resposta a Jó. Volumes: XI/4: Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Psicologia e Alquimia. Volume XII: Petrópolis: Voze, 1994.

JUNG, Carl Gustav. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Natureza da Psique. Volume VIII/2: Petrópolis: Vozes, 1991.

MAGALHÃES, Melo de Carlos Antonio. A Bíblia na Crítica Literária Recente. Teoliterária V. 2 - N. 4 - 2012

PORTELA, Silva Oliveira de Bruno. O conceito religião no pensamento de Carl Gustav Jung. Sacrilegens, Juiz de Fora, v.10, n.1, p. 46-61, jan-jun/2013 - B. Portela - <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/01/10-1-5.pdf>

SANTOS, do Melo Eduardo Marcos. Caracterização do personagem Moisés através da análise dos diálogos da narrativa de Êxodo 5,1-6,1. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 325-341, set.-dez. 2014.

SILVA, da Araujo Abreu de Reginaldo. Reflexões sobre o processo de individuação de Jó. Último Andar [16] – junho de 2007

VIDIZ, Monica. Finitude e individuação em morangos silvestres. TCC. PUC/SP. 2010. Orientadora: Ivelise Fortini.

VON FRANZ, M. L; BOA, F. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1988.